



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

MEMÓRIAS DO FOGO

André da Silva Telles

Rio de Janeiro / RJ
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

MEMÓRIAS DO FOGO

André da Silva Telles

Relatório de graduação apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientadora: Prof. Dr.^a Eleonora Fabião

MEMÓRIAS DO FOGO

André da Silva Telles

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por

Prof. Dr^a Eleonora Batista Fabião – orientadora

Prof. Dr^a Guiomar Pessôa de Almeida Ramos, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Ivan Capeller, ECO/UFRJ

Aprovada em:

Grau:

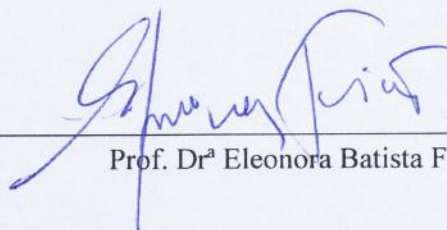
Rio de Janeiro/ RJ
2016

MEMÓRIAS DO FOGO

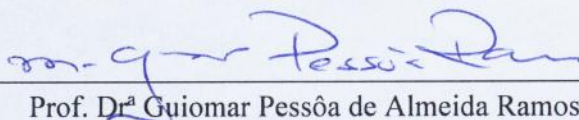
André da Silva Telles

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

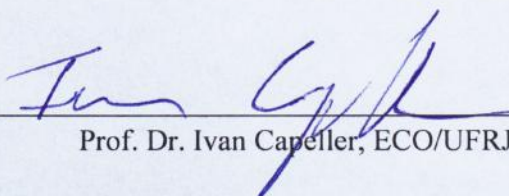
Aprovado por



Prof. Dr^a Eleonora Batista Fabião – orientadora



Prof. Dr^a Guiomar Pessôa de Almeida Ramos, ECO/UFRJ



Prof. Dr. Ivan Capeller, ECO/UFRJ

Aprovada em: 28/07/2016

Grau: 10

TELLES, André da Silva.

Memórias do Fogo/ André da Silva Telles – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016.

41f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2016.

Orientação: Eleonora Fabião

1. Cinema 2. Performance 3. Experiência
- I. FABIÃO, Eleonora II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. Memórias do Fogo

A todos os seres invisíveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Dona Dica, grande amiga que me ensinou a beleza da simplicidade.

“Sou parte; logo, existo”

Eleonora Fabião

RESUMO

TELLES, André da Silva. **Memórias do Fogo**. Orientadora: Eleonora Fabião. Rio de Janeiro, 2016. Relatório (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 41f.

Memórias do Fogo é uma experiência, um longa-metragem que se faz em diálogo com a arte da performance. Oito pessoas foram convidadas para viver modos de vida e de expressão diferentes do habitual em seus cotidianos urbanos. Ficaram nove dias isolados na floresta, nas terras de Dona Dica na Praia Grande da Cajaíba em Paraty, anciã caiçara que esteve toda sua vida naquela região. Nessa vivência, guiados por uma estrutura de 7 “programas performativos”, realizaram diversas experiências filmadas que deram origem a esse filme. Após os nove dias de imersão, voltaram ao Centro da cidade do Rio de Janeiro para sua última ação, trazendo nos corpos individuais e coletivo o que haviam vivido. O interesse foi atentar para o processo do próprio fazer coletivo e sua arquitetura de circularidade - estar em roda como gesto do despertar da ancestralidade.

Palavras-chave: experiência, performance e cinema.

ABSTRACT

Fire Memories is an experience, a feature film that dialogs with performance arts. Eight people were invited to live and express themselves in ways that differ from the usual in their urban routine. They stayed nine days isolated in the forest, in the lands of Dona Dica, located in Praia Grande da Cajuíba, Paraty. She is an old riverine lady that has been in that area her entire life. In this experience, guided by a structure of 7 “performative programs”, the group developed a lot of filmed experiences that originated this film. After nine immersive days they went back to Rio de Janeiro city center to complete the final act, bringing alongside their individual and collective bodies what they have lived. The aim is to focus on the process of collective creation and its circular architecture – to be in a circle as a way of awaken ancestry.

Keywords: experience, performance and cinema.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	GÊNESE	12
1.2	CONVITE-MANIFESTO.....	13
1.3	ESTRUTURA	14
1.4	FILME-EXPERIÊNCIA	16
1.5	INFLUÊNCIAS	16
2	PRÉ-PRODUÇÃO	18
2.1	LOCAÇÃO	18
2.2	CONVIDADOS	19
2.3	EQUIPE	20
2.4	ORÇAMENTO	21
2.5	EQUIPAMENTOS	22
3	PRODUÇÃO	23
3.1	LOGÍSTICA DE PRODUÇÃO	23
3.2	CRONOGRAMA.....	24
3.3	CAPTAÇÃO DE IMAGEM E SOM.....	25
4	PÓS-PRODUÇÃO	26
4.1	MONTAGEM.....	26
4.2	LOGÍSTICA DE MONTAGEM.....	27
4.3	EXIBIÇÃO	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS	30
	APÊNDICES	31

1 INTRODUÇÃO

Em agosto de 2015, formamos um grupo de dezessete pessoas para dar vida a este filme. Em um pequeno ônibus e um carro, saímos do Rio de Janeiro com três tambores, dois violões, um violino, dois berimbaus, dois didgeridoos, três flautas, algumas mudas, várias sementes, duas câmeras, algumas lentes, dois gravadores de som, um facão, um formão, quatro goivas, roupa e comida para nove dias, dez barracas, uma tesoura com ponta, um grampeador, cadernos, livros, um túnel de tecido, uma tigela tibetana, uma teia de elásticos, algumas velas e alguns isqueiros. Chegando em Paraty, entramos num barco chamado Estrela de Davi. Após três horas de viagem chegamos em Praia Grande da Cajaíba. Encontramos Dona Dica e alguns de seus filhos, nossos anfitriões. Almoçamos arroz, feijão, farinha e peixe frito. Seguimos caminhando alguns quilômetros morro acima até chegar em nosso destino. Armamos as barracas e acendemos a fogueira. No dia seguinte, ao meio dia, cavamos um grande buraco e depois atravessamos um estreito túnel de tecido até chegar no mar. No outro dia, fechamos os olhos para ver com a pele, os pelos, línguas e ouvidos. Depois conhecemos as plantas do terreiro de Dona Dica e plantamos todas as mudas e sementes que levamos. Também caçamos três jacas e dois galos, que alimentaram a todos por duas refeições. Fizemos silêncio e saímos nas matas em busca de materiais. Aí derrubamos uma árvore que ameaçava tombar sobre a casa de Dona Dica, e com seu tronco, esculpimos um totem de quatro metros de altura. Cavamos um buraco, fincamos o totem, ateamos fogo ao redor e aguardamos até que ele tombasse, o que levou sete horas. No dia seguinte iniciamos uma caminhada de doze quilômetros até o topo do Miranda, uma pedra situada a quinhentos e noventa e seis metros acima do nível do mar. Caminhamos por doze horas, aguardamos o nascer do Sol, e descemos ao meio-dia. Voltamos até a Praia Grande onde dormimos nossa última noite de viagem. E então fomos até a praça da Cinelândia e penduramos um globo preenchido com cerca de trezentos reais em moedas. Com o barro e cinzas do totem queimado, cobrimos nossos corpos e sentamos conectados por uma teia de elásticos. Permanecemos imóveis por uma hora e depois brincamos de acertar o globo com um bastão, de olhos fechados. Foi então que o globo explodiu e *Memórias do Fogo* surgiu.

O texto que segue, procura dar conta das questões práticas vivenciadas para a realização deste filme, além de tratar do processo de concepção do mesmo. Sugiro que se veja *Memórias do Fogo* antes de começar esta leitura.

1.1 GÊNESE

Memórias do Fogo é um projeto que vem sendo gerado desde 2013. Em encontros frequentes com Diego Amorim¹ na floresta, começamos a gestar este projeto. A ideia possuía uma forma geométrica como ponto de partida, o círculo. Queríamos fazer um filme que tratasse do agora, mas que também trouxesse a influência que carregamos de nossos antepassados. Vimos no círculo e nas práticas em roda, a força da ancestralidade viva e pulsante.

Fomos inspirados pelo surgimento e amadurecimento de diversos coletivos² na cidade, e lendo Eduardo Galeano, descobrimos que esse novo tempo da colaboração muito se assemelha aos primórdios da humanidade. Eis o cerne deste projeto, o processo coletivo.

Como pudemos?

Ser boca ou bocado, caçador ou caçado. Essa era a questão. Merecíamos é desprezo, no máximo pena. Na intempérie inimiga, ninguém nos respeitava e ninguém nos temia. A noite e a selva nos causavam terror. Éramos os bichos mais vulneráveis da zoologia terrestre, filhotes inúteis, adultos de nada, sem garras, nem grandes presas, nem patas velozes, nem olfato longo. Nossa primeira história nos perde na neblina. Pelo que parece, estávamos dedicados a partir pedras e repartir porradas e nada mais. Mas a gente até que pode se perguntar: será que não fomos capazes de sobreviver, quando sobreviver era impossível, porque soubemos nos defender juntos e juntos compartilhar a comida? Esta humanidade de agora, esta civilização do salve-se quem puder e cada um na sua, teria durado algo mais que um instantinho neste mundo? (GALEANO, 2015, p.4)

Naquele ano de 2013, presenciamos faíscas de uma grande fogueira que está se acendendo. Passamos atualmente por um processo de grande transformação. Nossa visão sociopolítica, ética e psicofísica é a seguinte: daqui pra frente não caberá mais a escravidão e nem as guerras; o antropocentrismo irá sucumbir, e não iremos mais submeter a natureza ao dito “progresso”; reconheceremos nossa pequenez perante tudo que é invisível aos nossos olhos; daqui pra frente não caberão mais instituições hierarquizantes e nem autoritarismo. É o tempo em que todos se reúnem em roda para trabalhar juntos, o tempo da libertação de cada ser e do despertar da consciência de ser parte. *Memórias do Fogo* surge, com toda humildade, como uma das centelhas desta fogueira.

¹ Diego Amorim é ex-aluno da ECO UFRJ da graduação e do mestrado. Compartilhou comigo da concepção e realização de *Memórias do Fogo*.

² “Coletivos” aqui são compreendidos como grupos de pessoas que se organizam para produzir o mundo em que querem viver. Diversos são os coletivos que surgiram no campo da cultura e da arte nos últimos anos no Rio de Janeiro. Exemplos: Norte Comum, Filé de Peixe, Tekó Porã, Circular, Trama, AME, etc.

1.2 CONVITE-MANIFESTO

Após ter claro quais eram os temas de nosso projeto, iniciamos o processo de escrever um manifesto que só ficaria pronto dois anos depois. Nosso desafio era o de criar um texto preciso que convocasse o espírito de nossa ideia.

A demora no processo de escrever esse pequeno texto se deu por alguns motivos. O principal foi que até então não sabíamos direito que filme seria esse, tínhamos uma ideia sem forma e a necessidade de tempo de amadurecimento. Acreditamos, em um primeiro momento, que seria um filme ficcional, e que iríamos explorar diversos arquétipos sociais através de uma atuação inspirada no cinema mudo.

O momento chave desse processo foi quando entendemos que nosso projeto girava em torno de uma vivência, uma imersão na floresta. A partir de então passamos a entender esse texto não só como um manifesto, mas também como um convite. Precisávamos de oito pessoas dispostas a se engajar plenamente à uma experiência, e a melhor maneira que encontramos para tal, foi a elaboração desse convite.

Dia 29 de abril de 2015, enviamos oito e-mails contendo o arquivo intitulado: “*Ide8 Convite Memórias do Fogo.doc*”.³ Alguns deles já haviam sido convidados pessoalmente, outros nunca tinham ouvido falar no projeto. Meses depois, nas vésperas de nossa viagem, conseguimos formar um grupo de oito pessoas, a maioria ainda não se conhecia e vinha de cidades diferentes.

A ideia de convidar os participantes me parece fundamental para que se entenda *Memórias do Fogo*. Me parece haver uma grande diferença entre chamar alguém para participar de um trabalho e convidar alguém para viver uma experiência de entrega. Buscávamos pessoas dispostas a participar de um processo de criação coletiva que exigiria grande comprometimento. Nossa intenção era a de fazer com que eles só aceitassem o convite caso sentissem o chamado de partilhar dessa intensa experiência de co-criação de mundo. Acredito que nosso convite tenha cumprido esta função uma vez que muitas pessoas o recusaram por sentir que não era o momento de viver uma experiência como aquela.

³ Ver o texto do convite em APÊNDICES p. 31

1.3 ESTRUTURA⁴

Desde o início do processo de concepção de *Memórias do Fogo*, entendemos que não caberia para este filme a escrita de um roteiro convencional. Pretendíamos trabalhar com a ideia de jogo e não com a noção de encenação. O espontâneo e o imprevisível eram nosso alvo, portanto, a elaboração de um roteiro com a discriminação precisa de cenas, não era o que o projeto demandava. Nesta etapa, começamos a trocar com a performer e professora Eleonora Fabião⁵, orientadora deste projeto. Foi então que passamos a conhecer um pouco mais sobre o movimento da performance, e fomos entendendo melhor nossa proposta.

A performance é um campo da arte intensamente misturado com a vida que, digamos, complica modos perceptivos, relacionais e cognitivos do senso comum. “Performers são, antes de tudo, complicadores culturais” (FABIÃO, 2008, p.237) – críticos das mecânicas cotidianas, dos automatismos comportamentais e da normatividade irrefletida. Para tal, a performance tende ao paradoxo, ao ambíguo, ao inclassificável, “um sistema tão flexível e aberto que dribla qualquer definição rígida de ‘arte’, ‘artista’, ‘espectador’ ou ‘cena’” (FABIÃO, 2008, p.238 e 239). Em geral, as performances não visam a comunicação direta de uma mensagem, mas propõem experiências para o florescer de questões.

Esta é, a meu ver, a força da performance: turbinar a relação do cidadão com a polis; do agente histórico com seu contexto; do vivente com o tempo, o espaço, o corpo, o outro, o consigo. Esta é a potência da performance: des-habituar, des-mecanizar, escovar à contra-pêlo. Trata-se de buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de experimentar estados psicofísicos alterados, de criar situações que disseminam dissonâncias diversas: dissonâncias de ordem econômica, emocional, biológica, ideológica, psicológica, espiritual, identitária, sexual, política, estética, social, racial... (FABIÃO, 2008, p.237)

Eleonora propõe que performances são disparadas por *programas performativos* (FABIÃO, 2008, p.237). Tal conceito se tornou fundamental para o desenvolvimento de nossas ideias. *Programa* é um enunciado breve e certo que “possibilita, norteia e move” (FABIÃO, 2013, p.4) a ação performativa. Esta palavra-conceito foi trazida pela autora para o campo da performance, inspirada no texto “28 de Novembro de 1947 - Como criar para si um corpo sem órgãos”.⁶ A criação do Corpo sem Órgãos é uma prática de experimentação

⁴ Ver texto da “Estrutura” em APÊNDICES p. 35

⁵ Eleonora Fabião é artista da performance. Doutora em Estudos da Performance pela New York University. Docente do curso de Direção Teatral da UFRJ desde 1997, onde ministra, dentre outras, a disciplina “Espetáculo: Ator 1” que tive a oportunidade de cursar em 2014.

⁶ DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1999.

psicofísica e política: faz-se CsO praticando modos alternativos a vida adestrada e enquadrada pela produtividade utilitária. Escreveram Deleuze e Guattari:

Por que não caminhar com a cabeça, cantar com o sinus, ver com a pele, respirar com o ventre, Coisa simples, Entidade, Corpo pleno, Viagem imóvel, Anorexia, Visão cutânea, Yoga, Krishna, Love, Experimentação. Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre o seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. (DELEUZE e GUATTARI, 1999, p.11)

Eleonora acrescenta:

Onde bom senso e senso comum dizem: seja funcional e produtivo, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente nossos hábitos, convenções, padrões. (FABIÃO, 2013, p.5)

Em paralelo à esses estudos, começamos a criar e listar uma série de *programas performativos* que dialogavam com nossas ideias. Dentre eles: cavar um buraco até o outro lado do mundo; contar as estrelas do céu e guardar o número; esculpir um totem; construir acampamentos; caminhar em pleno silêncio; buscar a invisibilidade; caçar uma jaca, um jacú, um jacaré; achar a base do arco-íris; acompanhar o caminho das formigas; ouvir a voz do rio; desfrutar do prazer de urinar; caminhar de olhos fechados; assobiar a melodia dos pássaros; sentir a temperatura das coisas; tirar as roupas; bater os pés no chão; tocar o pico da montanha; degustar a água dos rios; experienciar o breu; escrever, ler e contar; rir, chorar, gozar e vomitar.

O cerne da ideia já estava ali, faltava estruturar. Fomos então orientados por Eleonora a fazer uma estrutura de programas para organizar nossa vivência coletiva ao longo dos dias na floresta. Esse processo se iniciou cerca de um ano antes de viajarmos. Procuramos elaborar um documento que fosse preciso mas ao mesmo tempo flexível. Nem todos os programas contidos na estrutura foram realizados, enquanto outros que não eram previstos foram acionados espontaneamente.

Memórias do Fogo é um projeto que inclui a feitura de um filme. A força que mobilizou e possibilitou o deslocamento de 17 pessoas e materiais para Praia Grande foi o desejo de viver e de compartilhar experiências de transformação. Portanto, pensar essa vivência e cuidar dela consistiu em nosso principal trabalho. Nossa intensão sempre foi a de propor algo valioso aos nossos convidados, algo que marcaria suas vidas.

1.4 FILME-EXPERIÊNCIA

Podemos dizer a princípio que *Memórias do Fogo* é um documentário. Não assumimos personagens senão os “personagens” de nós mesmos, e as imagens são geradas a partir de acontecimentos não ensaiados, nem encenados, nem repetidos. São performances, acontecimentos vivos. Mas também são acontecimentos incomuns, o que gera imagens que poderiam ser facilmente moldadas em uma ficção. São muitas as possibilidades de desdobramento na montagem.

Penso *Memórias do Fogo* como um *filme-experiência*. Em um primeiro momento, interessa a experiência que cuidadosamente propomos e que intensamente vivemos nos dez dias nas terras de Dona Dica. Em seguida, a experiência ao reencontrar o material e editá-lo numa ilha de edição. Por fim, a experiência do encontro entre o filme e o espectador. Que experiência fílmica e humana *Memórias do Fogo* será capaz de gerar?

Ao longo desse trabalho, muita vida foi gerada. Entretanto, isso não garante que o filme gere vida semelhante. Este processo me mostrou ser impossível fazer um filme que dê conta total de uma vivência. Aliás, ser impossível fazer um filme que dê conta por completo do que quer que seja - uma mesma experiência nunca se repete. Cabe então à montagem recriar o vivido para proporcionar ao espectador uma outra experiência, uma experiência-fílmica.

1.5 INFLUÊNCIAS

Destaco duas grandes influências em minha vida, e conseqüentemente neste filme. Uma delas é o filme *Koyaanisqatsi*⁷ a outra é o livro *Espelhos*.⁸ Antes de ser filme, *Koyaanisqatsi* é uma palavra dos índios Hopi que quer dizer “vida em desequilíbrio”, “vida se desintegrando”, “estado de vida que pede por transformação”. Diziam as canções proféticas dos Hopi que “se cavarmos coisas preciosas da terra convidaremos o desastre.” Mas além de uma palavra dos Hopi, *Koyaanisqatsi* é também uma obra-prima de Godfrey Reggio. Uma janela que nos permite ver, e mesmo experienciar rítmica e imageticamente, um estilo de vida

⁷ KOYAANISQATSI. Direção: Godfrey Reggio. IRE Productions. Estados Unidos. 1982. 86 min. Dolby. Colorido. 35mm. Disponível em <<https://vimeo.com/21922694>> Acesso em junho de 2016

⁸ GALEANO, Eduardo. **Espelhos**. 3.ed. Porto Alegre: L&PM, 2015.

fracassado. É um filme que deixa clara a insustentabilidade das práticas humanas e consequentemente a necessidade de transformação. Diria ainda que é um filme-oráculo, uma revelação, espécie de luz dentro da caverna capaz de fazer nascer o movimento.

A leitura de *Espelhos* de Eduardo Galeano foi igualmente fundamental para que *Memórias do Fogo* ganhasse vida. Este livro, com extrema precisão, nos conta uma história quase universal que dá conta de relacionar espaços e tempos muito distantes. Passamos a conhecer personagens esquecidos pela história, perseguidos e queimados com lenha verde apenas por serem diferentes. Galeano vai na raiz, nos mostra a fundação das coisas como: o fogo, a beleza, a contaminação, as classes sociais, a divisão do trabalho, a escrita, a taverna, a galinha, o machismo, a organização internacional do comércio, o correio, a música, os idiomas, o racismo, a insegurança cristã, o papai Noel, o inferno, o açúcar, a infância, a América, a guerra bacteriológica, a anestesia, a vacina, as procissões, as máscaras, o elevador, as agências de notícias, os contos de fadas, entre muitas outras coisas.

A partir do universo da performance e da arte contemporânea, destaco como referência o trabalho de Lygia Clark. Dela surge a dimensão de arte como relação e terapia, noções fundamentais para nosso projeto. Nos inspiramos diretamente em duas de suas proposições: Túnel⁹ e Rede de Elásticos¹⁰. De Rodrigo Braga, reafirmamos nossa vontade de cavar buracos¹¹ e a necessidade de estar com os bichos para entendermos a natureza humana.¹²

Além destes, gostaria de trazer a referência do trabalho de Andy Goldsworthy.¹³ Andy trabalha com materiais da natureza fazendo esculturas que são postas em contato com a ação do tempo, ao relento. Seus trabalhos contemplam a beleza da ação da natureza, trazendo assim, toda uma dimensão de experiência e de efemeridade, ideias caras a *Memórias do Fogo*.

⁹ Ver em: https://www.youtube.com/watch?v=nsmk5L_OkCI . Acessado em : Junho de 2016.

¹⁰ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=eLBtgVDs3qs> . Acessado em : Junho de 2016.

¹¹ Ver *Sal e Prata* de BRAGA em: <http://www.rodrigobraga.com.br/Sal-e-prata> . Acessado em : Junho de 2016.

¹² Ver *Tonus* de BRAGA em: <http://www.rodrigobraga.com.br/Tonus> . Acessado em : Junho de 2016.

¹³ Artista britânico. Ver trabalhos em: <http://www.goldsworthy.cc.gla.ac.uk/> e <http://visualmelt.com/Andy-Goldsworthy>. Acessados em : Junho de 2016.

2 PRÉ-PRODUÇÃO

2.1 LOCAÇÃO

Desde o princípio da concepção de *Memórias do Fogo* entendíamos que ele se passaria basicamente na floresta. Entendíamos também que, querendo tratar de nossa realidade, não podíamos negar a cidade, afinal, habitamos ela. Com isso, a cidade está no filme como ponto de partida e de chegada, de onde saímos para experimentar uma realidade alternativa, e para onde voltamos para compartilhar o que aprendemos.

Antes de entender que faríamos uma vivência, pensávamos que o filme se passaria em alguns locais específicos da Floresta da Tijuca. Chegamos a visitar grutas, árvores ancestrais e cachoeiras que serviriam perfeitamente a nossa fotografia. Porém, logo vimos que nossa locação precisava ser mais afastada de casa. Começamos então a pesquisar as infinitas possibilidades de destino num país como o Brasil. Muitos locais exuberantes como o Monte Roraima e a Chapada Diamantina vinham em mente, mas por questões orçamentais tivemos de abandonar as localidades mais distantes. A reboque vinham as dúvidas se a exuberância da paisagem era realmente o que buscávamos para nossa locação.

A resposta surgiu naturalmente em dezembro de 2014, quando fui para Praia Grande participar de um mutirão de plantio na terra de Dona Dica. Nessa ocasião pude ficar mais de um mês conhecendo o local e seus habitantes. Desenvolvi uma forte amizade com Dona Dica e grandiosa admiração por sua pessoa e seu estilo de vida caiçara. Ali pude perceber que não existe exuberância maior que a simplicidade de uma senhora.

Praia Grande da Cajuíba está localizada em Paraty, mais precisamente na Reserva da Juatinga. É um lugar que guarda as marcas da opressão. Outrora, escravos trabalhavam nas plantações de café que cobriam todas aquelas montanhas. Muitos eram os alambiques em Paraty que produziam cachaça para viciar os que trabalhavam forçados, e muitos foram os índios mortos e expulsos da região. Com o tempo e o trabalho surgiram os caiçaras, que lá se firmaram e viveram de maneira autossuficiente por muitas gerações. Há cerca de vinte anos atrás se iniciou por lá um processo de grilagem de terra. Muitas famílias foram expulsas indo morar em favelas na cidade de Paraty. Dizem que ao chegar lá, morreram de desgosto os mais velhos. Outrora viviam quarenta famílias em Praia Grande, hoje, sob ameaça do grileiro de terras, lá estão somente as famílias de Dona Dica e Seu Altamiro.

2.2 CONVIDADOS

Proponho que chamemos as oito pessoas que realizaram nossos *programas* de convidados-performers. Convidados-performers são, portanto, aqueles que aceitaram o convite para participar da vivência.¹⁴ Não me parece cabível chamá-los de atores, pois nem todos são atores nem estavam ali fazendo um trabalho de atuação. Dentre os oito participantes tínhamos: um geógrafo, um psicólogo, uma professora, três estudantes de direção teatral, um jornalista, um vendedor ambulante, um palhaço, um compositor, um dançarino, uma cantora de metrô, um servidor público, um caboclo, uma cabocla, um cigano, um gnomo, três sereias e infinitas facetas.

O número de oito convidados quase nunca nos colocou dúvidas. Tínhamos uma intuição de que era o número perfeito. O “8” nos remete à circularidade, ao infinito e à noite. Noite, *nuit*, *night*, *noche* = $N + 8$. Isso nos bastava para persistir bravamente nessa ideia.

Não fizemos “teste de elenco” nem adotamos um critério objetivo para escolher nossos convidados. Começamos por agrupar pessoas em uma lista chamada “figurinhas”. Conhecíamos todos direta ou indiretamente e tínhamos certa admiração ou curiosidade por cada um. Quando a lista já estava com uns vinte nomes, começamos a formar grupos de oito e a elucubrar o que surgiria desses encontros.

Faltando pouco mais de três meses para nossa empreitada, enviamos os oito primeiros convites. Geralmente as respostas demoravam a chegar e, em grande parte, eram respostas negativas. Foi difícil encontrar tantas pessoas dispostas e disponíveis para abraçar o projeto. Um total de oito convites foram recusados ao final do processo.

Dentre os oito que aceitaram e estão no filme, a maioria não se conhecia, mas não fizemos nenhum encontro antes da vivência para que todos se conhecessem. O primeiro contato do grupo completo aconteceu já na Praia Grande. Fizemos apenas alguns encontros individuais para conversar sobre a estrutura, e um encontro com alguns deles para confeccionarmos caderninhos de viagem.

Eles são a alma desse filme. Graças a entrega de cada um, *Memórias do Fogo* pôde ser feito.

¹⁴ São eles: Lucas Bueno, Isabel Sanche, Marcelo Dantas, Lara Barbosa, Felipe Tupinambá, Danielle Câmara, Mariah Miguel Valeiras e Abbul Mahmebb Said. (por ordem cronológica de aceite ao convite).

2.3 EQUIPE

Havia algumas razões que nos faziam desejar uma equipe bem reduzida. Uma equipe demasiadamente grande não proporcionaria o ambiente tranquilo fundamental para que os convidados se entregassem por completo às experiências. Com isso, buscamos formar uma equipe o mais enxuta possível. Todos partilhamos funções, fazendo deste filme um trabalho colaborativo.

Diego Amorim e eu, fomos os responsáveis pela fotografia de *Memórias do Fogo*. Em fase de pré-produção elaboramos uma decupagem fotográfica levantando possibilidades e estratégias de captação de imagem para cada ação prevista na estrutura. Essa decupagem pouco foi consultada durante as filmagens. Ela nos serviu de estudo preliminar para entendermos como queríamos que cada ação fosse filmada.

A próxima pessoa a ingressar em nossa equipe foi Helena Bielinski, que desde bem cedo nos ajudou a conceber e organizar nossa vivência. Helena ficou com a responsabilidade de produzir nossa viagem, ou seja, organizar o transporte de todos objetos e pessoas até a Praia Grande, bem como a volta para o Rio de Janeiro. Também ficou com a responsabilidade sobre a alimentação e todos seus pormenores.

Logo depois convidamos Fernanda Rocha Miranda para trabalhar conosco. Durante a pré-produção ficou com a função de pesquisar histórias que se relacionassem com nossas experiências. Além de nos ajudar com a pesquisa de referências, colaborou também na elaboração da estrutura.

Hugo Rocha foi convidado para ser o responsável por captar o som direto. Juntos pensamos em estratégias para que ele sozinho conseguisse captar o som de oito pessoas apesar do rio, do mar, do fogo e dos mosquitos. E, importante, sem que seus microfones aparecessem na imagem. Captar o som deste filme não foi uma tarefa fácil.

Rafael das Mercês foi convidado para uma função de grande responsabilidade, o *logger*. Portanto, ficou responsável por descarregar e organizar todos os arquivos gerados por nossas câmeras e gravadores, bem como fazer um backup de todos os arquivos.

Marcos Amorim, Maria Chafir e Vitor Roque foram convidados a ajudar nossa equipe durante a vivência. Não tinham função específica, auxiliavam tanto na cozinha quanto na fotografia.

Formamos assim uma equipe de nove pessoas.

2.4 ORÇAMENTO

Até agora, *Memórias do Fogo* não contou com nenhum tipo de financiamento ou de patrocínio. Contribuíram para o financiamento do projeto alguns membros da equipe, alguns dos convidados e alguns familiares.

Calculamos que iríamos precisar de seis mil reais para custear toda viagem. Nossos principais custos previstos eram com transporte, alimentação e estadia. A pesquisa para encontrar um meio de transporte do Rio de Janeiro para Paraty foi o que mais nos deu trabalho. Todos os nossos contatos de motoristas pediam um valor muito acima de nosso orçamento. Por nossa sorte, faltando apenas uma semana para a viagem, conseguimos uma van que cobrou R\$1400,00, ida e volta, valor que cabia exatamente em nosso orçamento. Além disso, foram precisos R\$960,00 para pagar os barcos que fizeram os transportes entre Paraty e Praia Grande.

O custo com alimentação era o mais difícil de precisar e o que mais nos exigiu organização. Para tal, elaboramos um cardápio detalhado do que comeríamos em cada refeição de cada um dos nove dias. A partir desse cardápio geramos uma lista de compras que ficou pré-estipulada em R\$1500,00. Ao ir ao mercado acabamos gastando R\$100,00 a mais do que fora previsto.

O preço pela estadia no camping de Dona Dica ficou acordado em R\$10,00 por pessoa por dia. Geralmente eles cobram R\$15,00, mas conseguimos esse desconto por algumas trocas que fizemos. Ajudamos a construir uma nova cozinha no camping, levamos remédio para acabar com os cupins da casa de Dona Dica, levamos remédios para acabar com as dores nas pernas de Dona Dica e levamos muitas mudas e sementes para plantar. Contudo, nenhuma contrapartida seria suficiente para retribuir o tanto que eles nos ajudaram. Deixamos com eles o tanto de dinheiro quanto podíamos deixar.

Os demais gastos foram basicamente com objetos de toda sorte como: corda de sisal, velas, incensos, lona 4x4m, equipamentos de cozinha, facão, luvas, lixas, fita crepe, gel de arnica, dez metros de tecido e um apito baiano. Gastamos também incríveis R\$285,00 em pilhas para o gravador de som, o que de fato foi um exagero pois muitas não foram usadas.

Por fim, fechamos nossa lista de orçamento com os dois galos que compramos de Hiolanda, filha de Dona Dica, por R\$50,00.

2.5 EQUIPAMENTOS

Como vimos neste capítulo, *Memórias do Fogo* é um projeto feito com a ajuda desinteressada de muitas pessoas. Em relação aos equipamentos não foi diferente. Contamos com equipamentos emprestados de diversos amigos, sem pagar nada por isso.

Para captar as imagens, usamos basicamente duas câmeras, dois tripés e um *shoulder rig*.¹⁵ Uma delas era uma Canon 6D de Diego Amorim e outra uma Canon 5D MkII de Fernanda Miranda. Levamos também uma Canon 60D de reserva. As lentes mais usadas foram: 50mm f1.4, 70-200mm f2.8, 16-35mm f2.8 e 24-105mm f4, todas lentes Canon. Diversos cartões e baterias foram emprestados por amigos diferentes.

Nosso equipamento de som foi todo emprestado. Marcelo Taboas emprestou um gravador Zoom H4. Lucas Bueno emprestou um microfone de câmera Rode. Javier Abi-Saab emprestou um gravador Tascam DR40, um microfone de câmera Rode e uma lapela Sony. O chefe do Hugo Rocha, Eduardo Chamon, dono de uma produtora audiovisual, gentilmente aceitou ajudar o projeto emprestando um microfone direcional Rode com vara boom e zepelim¹⁶, mais os cabos necessários para ligar tudo isso.

Utilizamos um MacBook Pro para descarregar as imagens dos cartões para os HDs externos. A escolha por um bom computador se fez necessária em nosso set, pois precisávamos de velocidade nesse processo de movimentação de arquivos.

Chegamos a projetar, Rafael das Mercês e eu, uma grua de bambu para fazer tomadas em *plongé*¹⁷, mas o projeto acabou não saindo do papel por falta de tempo. A falta de um equipamento semelhante a uma grua nos fez muita falta, pois em diversas cenas tínhamos o interesse em fazer tomadas que evidenciassem a geometria circular do posicionamento dos corpos no espaço. Acabamos utilizando uma escada de Dona Dica para fazer essas tomadas vistas de cima, o que não nos conferia conforto nem estabilidade para fazer imagens realmente boas.

¹⁵ Suporte para câmera que confere mais estabilidade nas imagens com a câmera na mão.

¹⁶ Caixa onde é colocado o microfone direcional, para proteger o mesmo do vento e de pancadas.

¹⁷ Tomada com ponto de vista de cima para baixo.

3 PRODUÇÃO

3.1 LOGÍSTICA DE PRODUÇÃO

Um de nossos maiores desafios de produção consistia em nunca faltar bateria nem cartão de memória para nossas câmeras e gravadores de som. Queríamos ter a possibilidade de gravar a qualquer momento do dia e da noite durante todo o período da vivência, afinal, tudo era passível de virar filme. Agravava o desafio, o fato de que a Praia Grande não possui luz elétrica, e que nosso único meio de carregar baterias era através de um gerador que ficava na praia. Levamos vinte litros de diesel para poder usar o gerador de Dona Dica sempre que precisássemos. Rafael das Mercês, nosso *logger*, caminhava cerca de trinta minutos, e atravessava três rios, toda vez que era preciso chegar até esse gerador. Para complicar, só era possível carregar algumas poucas baterias por vez, e elas demoravam muito mais para carregar do que estamos acostumados usando tomadas convencionais. Apesar da complexidade, nunca nos faltou bateria nem cartão.

Contudo, gostaria de salientar que para se fazer um filme, há que se ter extrema atenção com o material gerado. A equipe de fotografia, de som e o *logger* são os responsáveis para que nenhum arquivo se perca. No caso de nosso filme, gravávamos em média seis cartões de imagem e dois cartões de som por dia, fazendo um total de oito cartões. Pensando em um total de dez dias de filmagem, ficamos com uma média de oitenta cartões. As chances de alguma coisa dar errado com algum deles é alta. Como não tínhamos muitos cartões, éramos obrigados a formatá-los quase todos os dias. Por nosso descuido, em algum momento formatamos três cartões que não haviam sido baixados para o computador, dois de imagem e um de som. Imagens e sons perdidos.

Mas talvez a questão mais complexa de logística em *Memórias do Fogo* tenha sido a alimentação das dezessete pessoas durante a vivência. Este trabalho começou na pré-produção do filme, com a elaboração de um cardápio detalhado. Nesse cardápio tivemos de calcular uma média da quantidade que cada pessoa comeria, para então chegar a uma quantidade total de cada item. Por exemplo: cada pessoa iria comer, em média, uma banana por café da manhã. Com isso, precisaríamos de dezessete bananas para um dia e de cento e cinquenta e três bananas para toda a vivência. Esse exemplo talvez já sirva para dar conta da complexidade dessa tarefa. Alimentar dezessete pessoas por nove dias, em um lugar que não tem nem geladeira nem fogão a gás é muito trabalhoso. Exige muita organização para

comprar e preparar a comida, muita lenha e muita sabedoria na hora de servir seu prato, para que não faltasse comida a ninguém.

Em nossa vida urbana, estamos acostumados a comida farta e rápida. Durante os nove dias de vivência experimentamos algo diferente. A quantidade de comida era sempre a quantidade exata para alimentar a todos, sem que ninguém pudesse comer demais, nem que ninguém ficasse com fome. E o tempo de espera pelas refeições era geralmente longo, devido a nossa inexperiência com o fogão a lenha de duas bocas.

Um dia presenciei Dona Dica e seu irmão a trabalhar no feitiço da farinha de mandioca. Acordamos às cinco da manhã, e saímos do jejum com café e pão seco. Depois colhemos algumas sacas de mandioca. Descascamos tudo, lavamos e ralamos. Tudo isso é trabalho muito duro que durou cerca de nove horas com pouco descanso. Só então paramos para comer um pouco de feijão com farinha. De onde será que vem essa fome toda que sentimos, nós os urbanoides?

3.2 CRONOGRAMA

Durante a pré-produção de *Memórias do Fogo*, elaboramos um cronograma que organizava os horários e durações das atividades previstas para cada dia, além dos horários pensados para acordar, comer e dormir. Na prática, poucos desses horários foram cumpridos.

Como dito anteriormente no tópico 1.3, tínhamos a premissa de que a estrutura era um documento maleável devendo acatar as vontades e possibilidades do grupo. Nada do que estava ali seria imposto aos convidados: eles estariam livres para recusar ou questionar qualquer atividade. Muitos foram os momentos que nosso cronograma teve de se adaptar por conta de demandas do grupo ou de condições climáticas.

No segundo dia de vivência, previmos na estrutura sete programas para manhã e tarde. Já no cronograma, selecionamos quatro deles. Na prática, apenas um foi executado. Isso se deu principalmente devido a grande intensidade gerada por aquela única ação de fechar os olhos e sentir. Terminamos a experiência extremamente cansados e mexidos, precisando somente de alimento e descanso. Esse caso serve para ilustrar a importância de mantermos um cronograma flexível. Não sabíamos direito o que aquelas proposições iriam gerar, e consequentemente, era impossível saber com precisão seus tempos de duração.

3.3 CAPTAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Captar as imagens e sons de *Memórias do Fogo* exigiu um procedimento específico para a equipe, algo bem diferente do que estamos acostumados a praticar em sets de filmagem. Esse procedimento exigia de nós escuta aguçada para que tudo caminhasse bem.

Éramos basicamente cinco pessoas compondo a equipe de filmagem: Hugo Rocha captando o som direto, Diego Amorim e eu operando as câmeras, Fernanda Rocha Miranda e Marcos Amorim fazendo a assistência de todos. Antes das experiências começarem, nos reuníamos para tentar prever algumas coisas. Com isso, desenvolvíamos uma estratégia para a realização de cada programa, e antevíamos ao menos o ponto de partida de cada ação. Por vezes, começávamos com ambas as câmeras no tripé, uma captando detalhes e outra fazendo um plano geral. Outras vezes, partíamos com uma câmera parada fazendo detalhes e outra câmera na mão, fazendo planos médios. E ainda haviam vezes em que a experiência demandava duas câmeras na mão, acompanhando os oito convidados.

Fato é que começávamos as filmagens unicamente com esse ponto de partida. Depois que a experiência deles começava, também começava a nossa. Abríamos nossas percepções em busca do sutil e do espontâneo – este era o nosso programa de equipe de filmagem. Os oito convidados tinham que descobrir uma maneira de realizar um programa, e nós, uma maneira de registrar esse acontecimento vivo. Se fazia necessária, uma sintonia entre todos para se fazer um bom registro, para que fosse possível dançarmos juntos.

Uma das grandes dificuldades encontradas era a de não deixar ninguém da equipe, nem nenhum equipamento vazar na imagem, o que de fato acontecia muito. E um dos grandes desafios era o de estabelecer uma comunicação silenciosa entre todos da equipe, não comprometendo o andamento de todas as experiências simultâneas. Após o início de uma prática, nossa interferência deveria ser a menor possível.

Para superar tantos desafios e realizar boas imagens, surge o papel fundamental dos assistentes. Era através deles que sabíamos de tudo que acontecia, em cochichos no pé do ouvido. Eram nossos olhos além do que a lente podia ver, eram nosso elo de comunicação, eram nossas mãos extras que ajudavam a carregar peso, trocar de lentes, baterias e cartões, além de serem os responsáveis por fazer sombra em caso de sol ou chuva. Eram nosso corpo expandido.

4 PÓS-PRODUÇÃO

Memórias do Fogo vem sendo montado em processo de imersão desde outubro de 2015. Nessa ocasião, tive a oportunidade de vir morar em Areal, região serrana do Rio de Janeiro. Aqui permaneci isolado trabalhando no filme, sem carro, internet, telefone ou televisão. Eventualmente descia ao Rio de Janeiro para apresentar o andamento da montagem a Eleonora Fabião e aos meus colegas de experiência. Essa escolha pelo isolamento foi essencial para viabilização da montagem, visto que esse processo exige muitas horas de trabalho com muita atenção e criatividade. Em meio a confusão da cidade isso não seria possível.

No momento da escrita deste relatório, *Memórias do Fogo* ainda é um filme em processo de montagem.

4.1 MONTAGEM

Trata-se de uma fase decisiva do processo. Trata-se de transformar a experiência vivida na mata, em experiência-filmica. Nunca tive a oportunidade de acompanhar um processo de edição de longa-metragem, portanto, tem sido um grande desafio para mim montar *Memórias do Fogo*.

Como visto anteriormente, *Memórias do Fogo* não possuiu um roteiro como na maioria dos filmes mas, no lugar disso, possuiu uma estrutura. Essa estrutura, tal qual foi realizada em vivência, se mantém como fio condutor na montagem do filme. A cronologia da filmagem é a cronologia do filme, sem muitas misturas.

O grande desafio foi: como recriar cada cena para proporcionar ao espectador uma experiência que dialogasse com a experiência que vivemos, mas sem pretender dar conta de tudo que aconteceu? A princípio, o material gerado é pura e simplesmente um registro do acontecimento, coube a montagem transformar esse registro em algo sensível. Durante esse processo, caí diversas vezes no erro de querer recriar as performances tal qual elas aconteceram, respeitando seus tempos dilatados de duração e todos pormenores. Com o tempo foi ficando claro que eu não deveria ser fiel aos acontecimentos mas sim trabalhar para criar novas experiências.

Em outubro de 2015, com o fim da decupagem, comecei a montar um primeiro corte de cada cena, sem trabalhar na conexão entre elas. Apenas em maio de 2016 consegui terminar o primeiro corte de todas as cenas e juntar todas elas em uma única sequência. Esse primeiro corte, ainda prematuro, possuía duas horas e quarenta e três minutos.

Atualmente estou no processo de lapidação desse primeiro corte. Para isso, busco localizar e reconstruir trechos que enfraquecem a experiência filmica, seja por não possuírem uma rítmica de montagem condizente com a necessidade da cena, ou simplesmente por não possuírem qualidade de imagem tão boa. Ao final dessa etapa, pretendo chegar a um filme de no máximo duas horas de duração, pois acredito que se passasse disso o filme perderia sua potência. Ainda restarão as etapas de finalização de som e imagem para que o filme esteja pronto para exibição.

4.2 LOGÍSTICA DE MONTAGEM

O processo de montagem de *Memórias do Fogo* se iniciou com a decupagem do material em setembro e outubro de 2015, logo após o fim da vivência. Nessa etapa, assisti todas as imagens e sons gerados, descrevendo detalhadamente seus conteúdos em uma planilha. Com etiquetas coloridas, agrupei arquivos em cenas e classifiquei-os de acordo com a qualidade do conteúdo. Tal processo demorou muito tempo devido a grande quantidade de material gerado e ao padrão de descrição detalhada que segui para fazer uma planilha bem completa. O material bruto que geramos para o filme contém aproximadamente 36 horas de imagem, 52 horas de som, e ocupa o espaço de 1TB.

Terminado esse processo de decupagem, comecei a converter todos os arquivos de vídeo para que os mesmos funcionassem com o programa de edição Final Cut Pro 7. Todos os arquivos foram convertidos de H.264¹⁸ para Apple Pro Res 422 HQ¹⁹, com exceção de alguns arquivos com a etiqueta vermelha de “ruim”, arquivos que nada continham de relevante para a montagem. Tal processo de conversão custou muito tempo e muito espaço de armazenamento, e me impossibilitou de trabalhar na montagem do filme, ao passo que a conversão dos arquivos deixava o computador ligeiramente lento. Utilizei para a conversão o programa MPEG Streamclip.

¹⁸ Compressor do arquivo “.mov” tal qual ele é gerado na câmera.

¹⁹ Compressor compatível com o programa Final Cut Pro que deixa o arquivo cinco vezes mais pesado, aproximadamente.

Para armazenar todo material convertido para Apple Pro Res 422 HQ mais o material bruto em H.264, foram necessários dois HDs externos, somando um total de cinco terabytes. Em um terceiro HD externo de um terabyte mantemos um backup do material bruto.

4.3 EXIBIÇÃO

Posso estar enganado, mas acredito que *Memórias do Fogo* não é um filme com potencial para distribuição em salas de cinema comerciais. Entretanto, isso não quer dizer que o filme não vá circular. Todas as etapas de nosso projeto se desenvolveram buscando forças no colaborativo e no que estava ao alcance de nossas mãos. Desejamos que essa tendência se fortaleça na fase de exibição.

Pretendemos, antes de tudo, exibir *Memórias do Fogo* na Praia Grande da Cajaíba, local de sua gênese, lá onde enfincamos o totem. Levá-lo de volta para Dona Dica é para mim, como a realização de um sonho. Lá estivemos para viver essa experiência, e fomos tão bem recebidos, foram tantas as pessoas que nos ajudaram. Mostrar esse filme a essas pessoas é como uma maneira de expressar a gratidão por tudo que elas fizeram por nós.

Me parece muito interessante a ideia de experimentar a exibição de *Memórias do Fogo* em locais diferentes, e sentir como isso afeta a experiência cinematográfica. São muitas as possibilidades: grutas, clareiras, praias, praças, muros, campos, galerias, cineclubes, festivais, cinemas, internet, etc. É claro que para viabilizar uma projeção em alguns desses locais, é preciso uma infraestrutura mínima que dispense a necessidade de energia elétrica.

Para ajudar a viabilizar essas projeções entrei em contato com dois coletivos de cinema. Um deles é o Coletivo João do Rio que há alguns anos realiza a Mostra Maré Cheia de cinema na praia da Ponta Negra.²⁰ O outro, é um coletivo de cinema itinerante denominado Tekó Porã. Três mulheres²¹ formadas na ECO resolveram morar em uma Kombi e viajar pelo Brasil exibindo filmes nas praças das cidades que encontram no caminho. Atualmente elas estão no interior de Pernambuco, mas pretendem seguir até o Alasca. Tenho certeza que elas poderão nos ajudar fazendo *Memórias do Fogo* circular por aí.

²⁰ Praia situada na Reserva da Juatinga, relativamente próxima a Praia Grande.

²¹ Clara Facuri, Fernanda Caiado, e Luiza Nascimento - ver <https://tekopora.wordpress.com/> - Consultado em junho de 2016.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É com grande satisfação que apresento este trabalho. Costumo dizer que não fui o responsável pelo surgimento de *Memórias do Fogo*, mas ele próprio veio a mim, e em mim fez sua morada e aos poucos se desenvolveu. De fato acredito neste projeto como um ser vivo, uma energia de movimento e transformação. Estar em contato com este movimento é, para mim, uma valiosa oportunidade.

Após esses três anos de processo com *Memórias do Fogo*, pude entender o grande valor da experiência. Uma vida que se valha viver, é uma vida repleta de experiências, boas e ruins. É a partir delas que podemos evoluir enquanto seres humanos. Pouco a pouco vamos experimentando as coisas do mundo e vamos desenvolvendo nossa sabedoria. “Uma experiência é necessariamente transformadora” (FABIÃO, 2008, p.237). Por isso, é preciso manter a alma presente, o corpo no chão e a mente clara para que essa transformação seja sempre positiva.

Acredito que esse tenha sido o maior êxito do projeto: proporcionar experiências significativas na vida de cada pessoa envolvida. Tivemos a chance de viver um intenso processo coletivo, onde todos nos abrimos com humildade para trocar e aprender uns com os outros. No que consiste a este domínio, posso dizer que *Memórias do Fogo* cumpriu seu papel. Creio que todos se lembrarão, com apreço, dos dias de experiência em Praia Grande.

Como desdobramento de *Memórias do Fogo*, surge o projeto *Cucurucum*. Veio da vontade do grupo de continuar realizando experiências performativas, com a inserção da música como elemento fundamental. A ideia é fazer instalações vivas, encontros ritualísticos que girem em torno de um programa performativo, algo similar ao que vivemos na experiência do totem em *Memórias do Fogo*. Com isso, queremos gerar uma série de vídeos para internet, e firmar nosso trabalho como grupo.

Por fim, gostaria de lembrar da grande oportunidade que me foi dada ao começar meus estudos na ECO UFRJ. Trata-se de uma escola onde são respeitadas as liberdades criativas dos alunos, estimulando em cada um seu maior potencial. *Memórias do Fogo* é fruto desta liberdade, sendo portanto o trabalho mais sincero que eu poderia apresentar. Nele depus todo meu esforço e minha fé. Desejo que este trabalho possa fazer vibrar a vida de outras pessoas, como faz vibrar a minha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLARK, Lygia ; **Lygia Clark**. Rio de Janeiro: Edição Funarte, 1980.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “28 de novembro de 1947 – como criar para si um Corpo sem Órgãos” In: **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia vol.3**, São Paulo: Editora 34, 1999.

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: O corpo-em-experiência. **Ilinx: Revista do LUME**, Campinas, n. 4, p.1-11, 2013. Semestral. Disponível em: <<http://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276>>. Consultado em: Junho de 2016

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala Preta**, São Paulo, n. 8, p.235-246, 2008. Semestral. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>>. Consultado em: Junho de 2016

FABIÃO, Eleonora. Corpo cênico, estado cênico. **Contrapontos: eletrônica**, São Paulo, v. 10, n. 3, p.321-326, set. 2010. Disponível em: <<http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/issue/view/159>>. Consultado em: Junho de 2016.

GALEANO, Eduardo. **Espelhos**. 3.ed. Porto Alegre: L&PM, 2015

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

BARAKA. Direção: Ron Fricke. Produção: Mark Magidson. Estados Unidos. 1992. 96 min. Dolby SR ou 70mm 6-track. Colorido. 35mm ou 70mm

KOYAANISQATSI. Direção: Godfrey Reggio. IRE Productions. Estados Unidos. 1982. 86 min. Dolby. Colorido. 35mm. Disponível em <<https://vimeo.com/21922694>> Acesso em junho de 2016

RIOS e marés. Direção: Thomas Riedelsheimer. Mediopolis Film. Alemanha. 2002. 90 min. Dolby SR. Colorido. 35mm

SAL e prata. Direção: Rodrigo Braga. Brasil. 2010. 9 min. Estéreo. Colorido. Video. <https://vimeo.com/34274455> Consultado em: Junho de 2016

SAMSARA. Direção: Ron Fricke. Estados Unidos. 2011. 102min. Dolby Digital. Colorido. 35mm

TONUS. Direção: Rodrigo Braga. Brasil. 2012. 10 min. Estéreo. Colorido. HD. <https://vimeo.com/69160907> Consultado em: Julho de 2016.

Na panela o fogo ascende as memórias pelo olfato. Há um sentido floresta no ar e precisamos respirar esse mundo. Levantamos uma grande fogueira. Em cima dela colocamos um caldeirão. Queremos misturar nossos tempos, fundir nossas influências, cozinhar nossos corpos.

Não gostamos de ser o centro de nada. Preferimos as rodas em movimento, os palanques circulares, as mesas sem quina. Sentimos que tudo se move, e mesmo o mais estático dos homens se desfaz em rotações imperceptíveis. Abaixo de nós, um turbilhão de magma pulsa o sangue da terra. A gravidade é como a respiração dos planetas na constante força que conduz a matéria à velocidade. Mesmo parado estaremos sempre em movimento: os planetas nunca deixam de dançar.

Por isso, quem pretende se conservar como centro das atenções, se escondendo atrás de pirâmides individuais, desvia-se da rota dos mundos e esquece que ninguém se faz sozinho. Princípio do fim das hierarquias o homem senta ao redor do fogo e se sente como parte de um círculo ancestral. Mesmo sem perceber, os corpos se fundem num coletivo e já não faz sentido qualquer liderança fixa.

Caminhamos ao centro da fogueira para em seguida retornar a sua borda. Entre o céu e o firmamento os astros nos olham nos olhos para brilhar e depois se apagar. No cosmos, nossas memórias são como estrelas, distantes entre o possível e a imaginação, o passado e o futuro. Na terra permanecemos no presente que não cansa de chamar a vida: o feminino pede passagem ao nosso tempo.

Voltamos a olhar o fogo e nos perdemos nos olhos de alguém. Esperamos sem demora como se já não quiséssemos mais julgar, só incentivar. Divididos e reunidos por oposição, nossas pupilas se unem e se reconhecem nos brilhos. No tanto que nos retemos, as lágrimas clareiam nossa visão e vemos enfim nosso lado esquerdo e direito, lembrando de tribos vizinhas e de galáxias distantes. Universos onde são sinceros os versos de comunhão: ser com outros, ser com, ser comum, comunidade.

Em uma sociedade marcada pelo individualismo, muitos corpos se tornaram dóceis, frígidos e medrosos. Repressão, culpa, angústia – as neuroses pesam toneladas. Sociedade de engorda, de acúmulo, de tensão – os excessos viraram a regra. Sociedade da dívida, das cifras, dos números: o endividamento te acompanha desde o nascimento.

Koyaanisqatsi, vida em turbilhão, vida em desequilíbrio, vida se desintegrando.

Até aonde aguentaremos?

O que sabemos sobre nós mesmos? O que você sempre quis falar? O quanto ficou em silêncio? E o quanto soube escutar?

Escutemos o que falam nossos corpos, mas cuidado com as palavras, armas de fantasia. Lembre que antes de existir a voz existia o silêncio.

Time is not money.

Tempo é biológico.

Ser-se como se é uma árvore, um rio, uma floresta inteira. Ser-se como se era em outras eras. Quando sentimento sobrepunha-se a matemática, e com isso não se cristalizava o ser.

Sinta o tempo intermitente dos rios. O ciclo das luas e marés. O confuso tempo da fome e da sede.

...

Propomos uma viagem, uma vivência, uma entrega. Uma experiência pelas praias, rios e florestas da região da Juatinga. Faremos um filme, espelho de nossa jornada. Documentação de nossas experiências corpóreas e discursivas.

Na mochila, vamos precisar de ferramentas de todos os tipos. Levem seus instrumentos, técnicas e conhecimentos. Muito acontece mata adentro. Levem suas músicas, suas palavras, suas danças. Ali em um lugar tão longe e tão perto, há muito o que se encontrar. Levem suas memórias, desejos, sonhos e intuições. Um círculo de oito convidados: um coletivo a se forjar. Todos iniciantes, como nós, nessa viagem.

Sem pretensões de verdade, colocamos nossas ideias, dúvidas e crenças na roda. O pensamento coletivo tem mais força quando de fato se troca, se mistura.

Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa substância.

O jogo já começou, nessas palavras e nas que virão.

André e Diego

29 de abril de 2015

APÊNDICE B – Estrutura Memórias do Fogo

Vale dizer que este filme não se apoia em um roteiro que prevê tudo que estará exposto na tela. Trata-se de um filme vivência, que se alimenta do que é espontâneo, inesperado e irrepetível. O filme será composto por imagens documentais das experiências, jogos e performances. Apoiados no conceito de “programa” elaboramos uma **estrutura** que pretende servir de guia à nossa jornada. “Programa” diz respeito ao enunciado que dispara a performance, motor da experimentação. Ação calculada porém espontânea. A performance se conclui com a realização do programa. Já se sabe o ponto de chegada mas não se sabe como nem quanto tempo será necessário - o importante é o caminho, o processo até chegar lá. Acompanhado de nosso desejo afiado em levar a cabo um programa, devemos sempre guardar conosco a **prudência**. A transformação é inerente à experiência.

O que vem a seguir é a estrutura que temos até agora. Ela está em constante processo de atualização. Durante nossa viagem ela continuará se transformando, com as propostas que vocês nos trarão, e com as mudanças que faremos para que a energia não pare de fluir. Notem que um de nossos principais programas é que a cada dia, ao menos um de vocês deve propor uma atividade para o grupo. Nosso filme trata, antes de mais nada, da experiência coletiva horizontal. Aceitamos muito contentes toda sugestão e proposição. Esse filme é de todos nós.

ø
Programas
De
Todo Dia
10'

Programas:

- **Propor um programa, atividade ou jogo.** A cada dia, ao menos um de vocês deve propor algo ao coletivo. Incentivo que todos proponham no mínimo uma vez durante a viagem.
- **Yoga / alongamento / meditação / relaxamento.** Pelas manhãs, ainda em jejum para acordar o corpo e acalmar a mente. Pouco a pouco vamos fortalecendo nossa capacidade de sentar e meditar.
- **Escrever.** Após nossas experiências, dedicaremos um tempo a escritura. Mais tarde, conversaremos sobre a experiência e compartilharemos o que escrevemos. O diário é uma porta para si.
- **Fogueira-escultura. Acender e alimentar uma fogueira.** A cada dia, uma pessoa será a responsável pelo fogo. A busca por lenha é coletiva. Pensem nas infinitas possibilidades de uma fogueira.
- **Viagem sonora ao redor do fogo.** Contação de história, improvisação musical, cantoria.
- **Alimentar o altar.** Em nosso acampamento teremos um altar coletivo. Todos podem colocar coisas e acender velas.
- **Caixa do segredo.** Uma mensagem do coletivo para o coletivo

0
Dia
Zero
1'

Fogueira#1

- Mito de origem.
- Distribuição dos cadernos.
- Qual sua memória mais antiga?

“De lágrima somos.

Antes que o Egito fosse o Egito, o sol criou o céu e as aves que voam no céu e criou o rio Nilo e os peixes que pelo Nilo andam e deu vida verde às suas margens negras, que se povoaram de plantas e animais.

Então o sol, fazedor de vidas, sentou-se para contemplar sua obra.

O sol sentiu a profunda respiração do mundo recém-nascido, que se abria diante de seus olhos, e escutou suas primeiras vozes.

Tanta beleza doía. As lágrimas do sol caíram na terra e se fizeram barro. E esse barro fez as pessoas.”

Espelhos - Eduardo Galeano

1
Buraco
Foz
7'

Primeira manhã:

- Meditação Anapana 20 minutos.

Programas:

- **Cavar um grande buraco usando as mãos.** Cavaremos na areia da Praia Grande, próximo ao local onde o rio deveria encontrar o mar, o que não acontece por conta da falta das chuvas.
- **Criar uma partitura corporal.** Essa partitura deve ser inspirada no útero materno e no momento do nascimento. **A apresentar a partitura corporal dentro do buraco.** Primeiro individualmente, depois em grupo.
- **Promover o encontro do rio com o mar.**
- **Atravessar o túnel.**

Fogueira #2:

- **História da sua vida em duas páginas.** Escrevemos a história de nossas vidas, misturamos tudo e pegamos outra história para contar na roda.
- **História da sua vida em quatro minutos.**
- **Sensações do fogo.** Conectar-se com os estímulos internos e externos proporcionados pelo fogo. O gosto da fumaça, o cheiro da madeira, o som do estalo, a dança da luz, o calor na pele.

** Começamos por revirar a terra, buscando cada vez mais fundo os resquícios do passado. O buraco é como um grande útero, a terra de onde nascemos e para onde vamos. Ao cavar esse buraco, cavamos também nossas próprias vidas. Conecte-se com suas questões mais profundas, suas memórias passadas e futuras.*

2
Percepções
Clareira
7'

Primeira manhã:

- Meditação Anapana 20 minutos
- Imobilidade em pé 10 minutos
- Auto-massagem

Programas:

- **Dividir em dois grupos; escolher os materiais, coisas e objetos que desejarem usar; um dos grupos fecha os olhos; o outro cuida e proporciona experiências sensoriais.** Invertem-se os papéis. Todos fecham os olhos e juntos continuam a estimular os sentidos uns dos outros.
- **Visão.** Focar a visão em um ponto específico.
- **Sananga.** Forte colírio indígena dos caçadores e das tecelãs.
- Contato-improvisação.
- Massagem coletiva.
- Pintura corporal. Urucum.
- Desenho transcrito. Com o dedo desenhamos nas costas de alguém, que desenha nas costas de outra pessoa e de outra até chegar na pessoa da ponta, que passa tudo pro papel.

Fogueira #3

- **Viagem sensorial em palavras.** Criar sentidos fantásticos, inimagináveis.
- **Apego material.** Quais coisas são especiais para vocês? Amanhã você encontrará um objeto diferente dos outros. Como é esse objeto?

** Convidamos a te entregar por completo as sensações propostas pelos parceiros de experiência. De um lado, de olhos fechados, trabalharemos a profunda escuta corporal, de olhos abertos, trabalharemos o cuidado com o outro. Abramos as portas da percepção.*

“Porque não caminhar com a cabeça, cantar com o sinus, ver com a pele, respirar com o ventre, Coisa simples, Entidade, Corpo pleno, Viagem imóvel, Anorexia, Visão cutânea, Yoga, Krishna, Love, Experimentação. Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre o seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso Corpo sem Órgãos, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude ou de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide.”

28 de novembro de 1947 - como criar para si um corpo sem órgãos. Deleuze a Guattari.

3
Material
Rio acima
7'

Primeira manhã:

- Meditação Anapana 30 minutos.
- Hatha Yoga

Programas:

- **Subir o rio. Coletar materiais**, coisas que nos acompanharão o resto de nossa jornada, que ornamentarão nossa casa, nossos corpos e esculturas. Dentre essas coisas, escolher uma para te acompanhar mais de perto. Coletar materiais para o dia 5 da celebração. Organizar e trabalhar os materiais recolhidos.
- **Rede de elásticos**. Para subir o rio precisamos nos ajudar. Subiremos um primeiro trecho conectados por uma rede de elásticos.
- **Jogo do nó**. Todos dão as mãos em círculo dentro da água. Um de cada vez promove um movimento que transforma o círculo até que se forme um nó de pessoas. Quando o nó estiver pronto, desfazê-lo. Não pode soltar as mãos.
- **Totem de pedra**. Encontrar um lugar, ocupar este lugar por um tempo distendido, sentir o lugar. Construir o totem nesse lugar.
- **Esculturas impermanentes**. Referência: Andy Goldsworthy.

Fogueira#4

- Analisando e descrevendo o objeto especial encontrado no rio. Contar a história desta coisa.

** Como se relacionar com o espaço e as coisas que nele habitam? Quais são as respostas às nossas presenças? O rio possui em si, muito claramente, as características da impermanência. Nunca podemos mergulhar duas vezes no mesmo rio, pois ele é fluxo constante. Tampouco seremos os mesmos após um mergulho no rio. Apesar de ser fácil compreender, internalizar que tudo passará e que não levaremos nada pro caixão é uma tarefa muito difícil. Vivemos apegados ao EU e ao MEU. Vivemos acumulando coisas. Pedras, penas, ossos, restos, folhas, secas, verdes, úteis, inúteis. Musgos, flores, cocos, sementes, cipós, dentes, seivas, fungos. Vestígios, cracas, cabelos, madeiras, metais, materiais. Porque levá-los conosco? Porque não?*

4
Alimentação
Toda parte
7'

Primeira manhã:

- Meditação Vipassana 40 minutos
- Alongamento

Programas:

- **Mutirão** de plantio no terreno de Dona Dica.
- **A jaca e a galinha.** Dois grupos. Um deve pegar a galinha fujona, o outro algumas jacas verdes. Preparar um jantar.
- **Separar sementes.**

Fogueira#5

- **Jantar.**

**Você é o que você come. Você se alimenta daquilo que cultiva. Conhecimento cada vez mais esquecido, o de encontrar e preparar nosso próprio alimento. A natureza da cidade é a do super-mercado, da praça de alimentação, do congelado, natureza da comodidade, do desperdício, do instantâneo. Na natureza das matas há abundância mas nunca desperdício. A terra trata de comer o que não coube na fome dos bichos. De fato, qual é o tempo da fome?*

“Como pudemos? Ser boca ou bocado, caçador ou caçado. Essa era a questão. Merecíamos é desprezo, no máximo pena. Na intempérie inimiga, ninguém nos respeitava e ninguém nos temia. A noite e a selva nos causavam terror. Éramos os bichos mais vulneráveis da zoologia terrestre, filhotes inúteis, adultos de nada, sem garras, nem grandes presas, nem patas velozes, nem olfato longo. Nossa primeira história nos perde na neblina. Pelo que parece, estávamos dedicados a partir pedras e repartir porradas e nada mais. Mas a gente até que pode se perguntar: será que não fomos capazes de sobreviver, quando sobreviver era impossível, porque soubemos nos defender juntos e juntos compartilhar a comida? Esta humanidade de agora, esta civilização do salve-se quem puder e cada um na sua, teria durado algo mais que um instantinho neste mundo?”

Espelhos - Eduardo Galeano

5
Celebração
Catarse
10'

Primeira manhã:

- Meditação Vipassana 50 minutos

Programas:

- **Construir um totem.**
- **Preparar uma festa.** Bio-roupas, máscaras, decoração.

Fogueira #6

- **Queimar o totem.**

** Totens são esculturas indígenas de poder e adoração. Magicamente trazem proteção e servem de símbolo da tribo que o constrói. Geralmente estão associados com elementos da natureza, como animais, plantas ou fenômenos naturais considerados sagrados. Construir coletivamente algo que represente o nosso grupo, inspirado no que é importante para cada um de nós e entregar o árduo trabalho ao arder do fogo. Esforço do desapego a materialidade. Celebrar o encontro, o afeto, a abundância. Catarse coletiva, cantoria, dança ao redor do fogo, baile de máscaras. São muitos os motivos que impulsionam celebrações mundo afora. Celebremos o início de novos ciclos, o fim de ciclos passados. Celebremos para agradecer a vida, ou para relembrar dos mortos. A celebração bebe na fonte da ancestralidade. Celebrar é manifestar nossos desejos mais sinceros.*

6
Caminhar
Miranda
5'

Programas:

- **Caminhar da Praia Grande até o Miranda (altitude/596m. Distância/11,3km).** Caminhar silenciosamente pela noite. Refletir sobre a morte. Como iremos morrer?
- **Aguardar o nascer do Sol do topo do Miranda.**
- **Atravessar o Miranda.** Caminhar da vida até a morte. Dançar a morte, entendendo a morte não como algo ruim e definitivo. Morrer é renascer, transformar.

** Caminhar é necessário. Pé ante pé, ajudando a Terra girar. Embarquemos nesse transe. Escutemos os sons da floresta. Nada é tão sublime quanto o primeiro raio de Sol, o primeiro suspiro dos passarinhos.*

∞
Início
Largo da Carioca
10'

Programas:

- **Cobrir o próprio corpo com barro.**
- **Sentar em roda ao redor do globo pendurado e meditar de olhos fechados.** Buscar a imobilidade por uma hora.
- **Despertar da meditação aos poucos.** Movimentar o que teu corpo te pedir após tanto tempo de imobilidade.
- **Estourar o globo.**

** Introduzir a ideia do filme de um encontro de oito pessoas motivadas em experimentar atividades de (re)aproximação com a natureza. Saímos da cidade onde habitamos para descobrir qual é a cidade que habita em nós. Pele e barro. Centramos em círculo e por um instante esquecemos onde estamos e o que estamos fazendo aqui. Escutemos a natureza de nossos corpos imóveis, das mais sutis às mais grosseiras sensações. Uma hora depois, deixemos que essa natureza se manifeste, se movimente. Sinta a força que precisa para voltar a ficar de pé. Se sentir o chamado, pegue o bastão e estoure o globo.*